UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
FACULDADE DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MAURINEA ALBUQUERQUE RIBEIRO DA SILVA

O RETRATO DA MULHER NEGRA OITOCENTISTA ATRAVÉS DO ROMANCE "HORTÊNCIA" (1888): Entre o passado e o presente

ANANINDEUA-PA
2024

MAURINEA ALBUQUERQUE RIBEIRO DA SILVA

O RETRATO DA MULHER NEGRA OITOCENTISTA ATRAVÉS DO ROMANCE "HORTÊNCIA" (1888): Entre o passado e o presente

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História, do Campus Universitário de Ananindeua, como requisito obrigatório para obtenção de grau de Licenciatura em História, pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Profª. Drª. Anna Maria Alves Linhares

ANANINDEUA-PA

2024

MAURINEA ALBUQUERQUE RIBEIRO DA SILVA

O RETRATO DA MULHER NEGRA OITOCENTISTA ATRAVÉS DO ROMANCE "HORTÊNCIA" (1888): Entre o passado e o presente

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História, do Campus Universitário de Ananindeua, como requisito obrigatório para obtenção de grau de Licenciatura em História, pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Profª. Drª. Anna Maria Alves Linhares

Data de aprovação: ___/___/___

Conceito:

Banca Examinadora:

_____

Orientadora

Profª. Drª. Anna Maria Alves Linhares - UFPA

_____

Examinador(a) interno(a)

…

_____

Examinador(a) interno(a)

…

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, quero agradecer a Deus por ter me concedido todas as forças possíveis para concluir a graduação. Em segundo lugar, quero expressar minha gratidão a Nazinha (Nossa Senhora de Nazaré) por ter me guiado e amparado em todas as dificuldades, como uma mãe que é.

Agradeço à minha família, especialmente à minha mãe (Claudinea), à minha avó (Maria José), ao meu irmão (Walaf) e à minha tia (Sidnea). Minha mãe foi meu pilar durante toda essa jornada, apoiando-me nos momentos mais difíceis da graduação, incentivando-me e amparando-me, como sempre fez ao longo da minha trajetória. Minha avó, com todo seu incentivo, carinho e força, sem dúvida, era quem mais desejava que eu concluísse a graduação para estar comigo na formatura. Meu irmão, mesmo sendo reservado, sempre me incentivou no caminho da graduação e agora é um dos maiores entusiastas da minha pós-graduação. Por fim, e não menos importante, minha tia, que também é minha madrinha, esteve como uma segunda mãe, apoiando-me e celebrando cada conquista que alcancei. Obrigado, família, amo vocês.

Expresso minha gratidão a todos os meus amigos, principalmente os da graduação, que presenciaram meus surtos, choros, desesperos e alegrias. Vocês foram essenciais nessa trilha em direção à graduação. Agradeço pelo apoio e carinho.

Que um homem não te define

Sua casa não te define

Sua carne não te define

Você é seu próprio lar

Francisco, el Hombre (2016)

RESUMO

O artigo propõe-se a analisar a obra literária intitulada “Hortência” (1888) de João Marques de Carvalho (1866-1910), um autor paraense inserido na escola literária naturalista. O livro em questão é utilizado como fonte histórica para uma pesquisa que aborda o gênero em duas perspectivas distintas. A primeira trata da interseccionalidade, conceito criado por Kimberlé Crenshaw em 1989, com o intuito de destacar a interconexão entre raça e gênero. A segunda perspectiva aborda a noção de longa duração, tendo Fernand Braudel como principal referência para esta discussão. Para Braudel, a longa duração representa a união de eventos que se entrelaçam independentemente de sua dificuldade ou período temporal. Portanto, o objetivo central do artigo é analisar a obra “Hortência” a fim de compreender como Marques de Carvalho descreve a mulher do século XIX, especificamente a mulher negra. A proposta é examinar se a visão do autor e as diversas formas como ele retrata essa mulher durante os eventos narrados no livro refletem a sociedade contemporânea. Busca-se compreender se, atualmente, a sociedade ainda enxerga essas mulheres da mesma maneira ou se houve mudanças ao longo do tempo.

Palavras-chave: interseccionalidade; longa duração; gênero; mulher negra.

ABSTRACT

This article aims to analyze the literary work "Hortência" (1888) by João Marques de Carvalho (1866-1910), an author from Pará who belonged to the naturalist literary school. The book in question is used as a historical source for a study that approaches gender from two different perspectives. The first deals with intersectionality, a concept created by Kimberlé Crenshaw in 1989 to highlight the interconnection between race and gender. The second perspective deals with the notion of long duration, with Fernand Braudel as the main reference for this discussion. For Braudel, the long duration represents the union of events that intertwine regardless of their difficulty or time period. Therefore, the main objective of this article is to analyze the work "Hortência" in order to understand how Marques de Carvalho describes women in the 19th century, specifically black women. The proposal is to examine whether the author's vision and the various ways in which he portrays this woman during the events narrated in the book reflect contemporary society. The aim is to understand whether society today still sees these women in the same way or whether there have been changes over time.

Keywords: intersectionality; long duration; gender; black woman.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Dados sobre o assédio sexual contra as mulheres brasileiras no ano de 2017 23
Gráfico 2 - Dados sobre o assédio sexual contra as mulheres brasileiras no ano de 2018 24
Gráfico 3 - Dados sobre o assédio sexual contra as mulheres brasileiras brancas e negras no ano de 2017 25
Gráfico 4 - Dados sobre o assédio sexual contra as mulheres brasileiras brancas e negras no ano de 2017 25
Mapa 1 - Taxas de feminicídios por 100 mil mulheres nas regiões brasileiras, no período de 2009 a 2011 34

LISTA DE SIGLAS

IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
SIM	Sistema de Informação de Mortalidade
OMS	Organização Mundial da Saúde
UFBA	Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 11
2. A LITERATURA E A MULHER 13
3. A “MULATA” SENSUAL 17
4. A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NEGRA 19
4. 1. Importunação sexual 20
4. 2. Violência sexual 27
4. 3. Violência doméstica e feminicídio 30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 34
FONTES 37
REFERÊNCIAS 37

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que a História e outras áreas do conhecimento sempre invisibilizaram as mulheres, mas o século XIX chama a atenção por dois motivos, na perspectiva deste artigo.

O primeiro é o fato de este período ter sido fortemente caracterizado pela literatura naturalista, originada na França e rapidamente difundida no Brasil. Essa corrente literária assumiu a responsabilidade de abordar temas sociais e aspectos da vida cotidiana, como miséria, crimes, sexualidade, entre outros (Abrantes, 2021). Dessa forma, ao nos propormos a refletir sobre a representação das mulheres na literatura, a análise de uma obra que se propõe a explorar assuntos cotidianos e a sexualidade chamou nossa atenção, uma vez que isso está alinhado com nosso objetivo. Essa literatura buscava tratar das vivências das mulheres, em sua maioria ricas ou de classe média, mas também explorava seus conflitos. Porém, é importante observar que alguns autores desse período também se propuseram a abordar as experiências de mulheres pobres e negras, as quais eram ainda mais invisibilizadas naquela época (e continuam a ser, até os dias atuais).

O segundo motivo que nos motivou a propor a análise de obras literárias é o fato de que os historiadores frequentemente utilizavam essas obras para abordar a história social. Embora a história social não tenha sido criada nesse período, foi nessa época que ela se tornou ainda mais popular. Em outras palavras, a literatura passou a ser reconhecida como uma fonte de pesquisa para historiadores interessados na história social.

A história social, sobre a qual refletimos neste artigo, emergiu no século XX com o surgimento da Escola dos *Annales*, um grupo de historiadores que revolucionou a perspectiva do olhar histórico. Antes dos Annales, a historiografia estava limitada à história tradicional, focando-se nos “grandes acontecimentos” e nos “grandes homens”, utilizando fontes restritas a documentos oficiais (Burke, 2011).

Portanto, com a criação da Escola dos *Annales*, foi compreendido, por meio de sua perspectiva e olhar na historiografia, que tudo é história, que todo tipo de produção é fonte e que todo indivíduo carrega uma bagagem historiográfica ao longo de sua vida. A Escola dos *Annales* reconheceu a importância da história como um todo, resultando na aproximação da história com outras áreas, como a Sociologia.

Isso levou à incorporação de outros conhecimentos e à abertura de um campo para a história social, a qual se preocupa com os sujeitos de forma abrangente. Esse entendimento foi fundamental para ampliar o leque de possibilidades de fontes. Por isso, propomos analisar a literatura como um aspecto relevante na investigação histórica (Ferreira, 2009).

Assim sendo, este artigo pretende trabalhar com a fonte literária chamada “Hortência” (1888), do autor paraense João Marques de Carvalho (1866-1910), a fim de analisar a obra de uma maneira que traga problematizações acerca do olhar do autor para a mulher negra do século XIX. Desse modo, será possível discorrer sobre os temas e problemas que circundam essa obra naturalista, os quais serão objeto de estudo para compreender como essas mulheres eram vistas naquela época e como são percebidas nos dias atuais. Pretende-se estabelecer um contraponto entre o passado e o presente.

Por conseguinte, este trabalho irá abordar as seguintes problemáticas: de que forma a mulher negra é retratada na obra? E como as reflexões acerca da representação da mulher negra nessa obra nos ajudam a pensar sobre a forma de representação da mulher negra nos dias de hoje, realizando reflexões sobre como a sociedade a retrata na “longa duração”? Traçando o objetivo deste artigo, pretendemos analisar como a mulher negra foi representada pelo autor na obra, adotando uma perspectiva pautada na interseccionalidade, além de utilizar a história da “longa duração” para refletir sobre como a mulher negra é representada nos dias de hoje, ou seja, como essa representação ainda se perpetua até os dias atuais.

É importante salientar que os conceitos de “interseccionalidade” e “longa duração” são fundamentais para orientar este artigo. Logo, torna-se essencial explicar ambos.

O conceito de interseccionalidade foi criado por Kimberlé Crenshaw em 1989, com o intuito de salientar e mostrar ao feminismo que raça e gênero estão intrinsecamente ligados. Logo, ao abordar temas como feminismo negro e gênero, é imperativo levar em conta a interseccionalidade. Crenshaw ainda reafirma que gênero, raça, classe e todas as outras questões sociais e políticas constituem fatores de subordinação, levando em consideração o contexto (Dennis, 2008). Portanto, a interseccionalidade envolve abordar um tema sem negligenciar outro. Ao discorrer sobre “Hortência” ao longo deste artigo, não nos limitamos a abordar apenas o fato de ela ser mulher; abordo também sua identidade como mulher negra.

Dessa forma, conduzimos uma análise que engloba as perspectivas de gênero e raça, caracterizando-a como interseccional.

Por sua vez, o conceito de longa duração é visto de forma diferente ao longo do artigo, mas é bem explícito. O principal nome associado à longa duração é Fernand Braudel, que conceitua esse termo da seguinte forma: “Longa duração, conjuntura, evento se encaixam sem dificuldade, pois tudo se mede por uma mesma escala” (Braudel, 1969, p. 753). Braudel quer dizer que a longa duração é uma junção de vários fatores que, independentemente do período, se moldam e assim podem ser estudados e analisados em conjunto. Portanto, ao longo do artigo, ao abordar o livro "Hortência" de 1888 e sua correlação com o presente, realizamos uma análise sob a perspectiva da longa duração.

2. A LITERATURA E A MULHER

Sabe-se que a corrente naturalista surgiu no final do século XIX, tendo como objetivo contestar a corrente romancista, que, para muitos naturalistas, era vista como uma utopia. De certa forma, acreditava-se que essa corrente romancista pretendia fazer com que a população esquecesse os problemas da sociedade, “fechando os olhos” para tais questões. O autor Newton Cunha (2017, p. 39) afirma que a corrente literária do “naturalismo procura entender e expressar o medo e a relação humana”. Busca-se compreender as relações entre os indivíduos em uma sociedade. Logo, a vertente naturalista buscou enfatizar a crítica em relação à religião, às reformas políticas e a outras problemáticas sociais.

Assim sendo, o naturalismo sempre buscou retratar a realidade da sociedade da época em suas obras, proporcionando diferentes sentidos e experiências. Até mesmo utilizando o romance como meio de refletir sobre tudo que envolve os sujeitos, suas experiências sociais, cotidianos e relações. Porém, é preciso destacar o que a autora Ana Claudia de Oliveira (2017) menciona em relação ao naturalismo:

> O efeito de sentido naturalista central mostra que ao leitor que assim são os fatos, o que implica que o autor aproxima-se do seu público para escolher como naturalizar-lhe o fato ou a tese. Esse modo é assim resultante tanto de uma visão objetivada pela intencionalidade de documentar a época, como também uma visão subjetiva que desencadeia a captação da processualidade do que é descrito e narrado (Oliveira, 2017, p. 64).

Por conseguinte, consegue-se compreender dois aspectos que a autora traz neste trecho. O primeiro é que as obras naturalistas são fontes e podem ser perfeitamente utilizadas em estudos para entendermos aquela sociedade, seus costumes, crenças e, principalmente, os aspectos sociais que ainda persistem nos dias de hoje. Já o segundo aspecto que a autora nos traz é que, mesmo as obras naturalistas sendo usadas como fonte para compreendermos uma sociedade em determinada época, elas também são subjetivas. Para além de serem vistas como fontes de estudo para pessoas da área da História, ainda podem ser consumidas como forma de "lazer". Desse modo, há elementos no naturalismo que podem orientar análises históricas e, além disso, podem dialogar com outras fontes para que possamos compreender o que a obra tem a nos "dizer".

Quando se fala de literatura naturalista, duas coisas vêm à mente: uma é que essa escola literária nasceu na França; e a segunda coisa é que um nome importante dessa escola literária é o de Émile Zola. Ele não foi apenas precursor do naturalismo, mas também era alguém que sempre se dispunha a falar e a se preocupar com a sociedade de sua época, abordando questões sociais, culturais e políticas. Nas suas obras, pode-se sempre encontrar algo relacionado a algum fator descrito anteriormente, como os aspectos sociais, históricos, entre outros, que abordam comportamentos sociais.

Quando o naturalismo nasceu na França, logo ele se expandiu para outros países. Não é à toa que um dos maiores literatos dessa escola é o autor Eça de Queirós, que é português. As duas obras aclamadas pela crítica de Eça de Queirós e que fizeram parte do naturalismo são: "O Crime de Padre Amaro" de 1875 e "Primo Basílio" de 1878. Em ambas as obras deste autor, pode-se observar uma forte ligação com o naturalismo, mesmo alguns considerando que foi tardio o naturalismo em Portugal e outros achando que ocorreu no tempo correto. Mesmo assim, não há como negar a presença do naturalismo nelas. Além disso, seus livros tinham grande influência das pinturas naturalistas da época (Lourenço, 2017).

O naturalismo no Brasil não foi diferente e teve grandes nomes que são reconhecidos mundialmente. Talvez o maior, ou um dos maiores, nomes do naturalismo no Brasil seja Aluísio de Azevedo. O autor apareceu no mapa literário em 1881 com a sua obra "O Mulato" e, desde então, não saiu mais dos grandes folhetins do país. Azevedo também lançou o livro chamado "Livro de uma Sogra".

Outro autor que precisa ser citado neste artigo, e que talvez tenha se afastado um pouco da escola naturalista, sendo incompreendido por muitos críticos quanto ao motivo desse afastamento, foi Júlio Ribeiro, que escreveu “A Carne”. Os autores Leonardo Mendes e Sergio Amaral (2017) explicam que:

> A obra comporta uma série de narrativas de gêneros variados, não necessariamente interconectadas, que incluía um estudo de caso de história feminina, a narrativa ficcional erótica (de tintas folhetinescas) que subjaz a esse estudo, panfletos de oposição ao latifúndio escravocrata paulista, catálogos de objetos de arte e da fauna e flora na Mata Atlântica, reportagens sobre a ferrovia Santos-Jundiaí, além de libelo pelo separatismo político (Mendes; Amaral, 2017, p. 347).

Observa-se que a literatura de seu tempo englobava vários aspectos sociais, os quais são certamente muito importantes para a compreensão de questões do cotidiano naquele período. O trecho acima mostra que Júlio Ribeiro, mesmo sendo incompreendido pelos seus aspectos naturalistas, conseguiu proporcionar aos leitores de sua época e dos dias atuais uma visão da sociedade do século XIX. Uma dessas visões diz respeito ao erotismo e às mulheres, temas que foram discutidos por vários autores. Podemos perceber as diferentes formas como eles descrevem essas mulheres em sua literatura, desde as mulheres loucas e histéricas até as ricas e pobres. Vale ressaltar que essas são obras escritas por homens sobre mulheres, o que nos leva a refletir sobre a forma como tais obras descrevem as mulheres dessa época.

Antes de tudo, é importante enfatizar que não entraremos no mérito se era permitida a utilização da literatura naturalista erótica, se era condenada ou não, ou algo semelhante. A questão é compreender a forma como as diversas mulheres eram descritas nessas obras, quem são essas mulheres e suas diferenças, em obras escritas por homens. O autor Marcelo Bulhões diz que:

> (...) uma das vertentes deste “naturalismo de província” que se marcam com traço temático que se unifica, os congrega, e que parece ter se tornado uma espécie de nódulo incômodo ou ponto problemático da “aclimatação” do naturalismo Francês entre nós, que provocará indisfarçável mal-estar aos nossos críticos do final do século XIX, além do desagravo dos moralistas e religiosos. Refiro-me aos romances que se marcaram enfaticamente pela temática sexual. Um naturalismo acentuadamente erótico, portanto, em uma lista que não pode ser acusada de assistemática, pois se trata de um conjunto de romances com afinidades claras. O que dizer, pois, de narrativas

> como O Cromo, de Horacio de Carvalho (1857-1933), Hortência, de Marques de Carvalho (1866-?), O Sinas, de Pápi Júnior (1854-1934), (...) (Bulhões, 2017, p. 386).

O que podemos perceber neste trecho do autor é a discussão acerca do erotismo como parte do naturalismo, mas também podemos observar, e é isso que buscamos, as diferentes mulheres que esses autores apresentam. Hortência, a personagem da obra que será analisada neste livro para esta pesquisa, é negra, mas o autor utiliza o termo “mulata”, considerado racista em nossa época, para referir-se a ela, além de ser uma mulher pobre. Já em “O Cromo”, temos Ester, proveniente de uma família abastada, uma mulher culta que pode estudar devido à sua classe social. Podemos tomar como exemplo a obra “Lucíola” de José de Alencar, na qual a protagonista é rica e branca.

O que podemos extrair dessas histórias e de outras é que existem dois tipos de mulheres que permeiam essas obras: a negra pobre, pouco falada, e quando mencionada, estereotipada; a mulher branca e rica, sendo sempre representada na literatura da época. Porém, é possível encontrar uma semelhança entre ambas. Ou seja, há um ponto de afinidade entre elas nos livros. Esse ponto diz respeito à descrição que esses autores fazem das mulheres nestes livros naturalistas eróticos, pois eles não falam sobre os homens de forma ironizada, já que eles podem tudo e são respeitados até na literatura. Com relação às mulheres, elas são vistas como loucas e histéricas, e quando “descobrem a carne”, o sexo, ou seja, quando deixam seus desejos virem à tona, são retratadas se voltando contra a família e “enlouquecendo-os” pelo desejo, além de serem apresentadas como mulheres altamente tóxicas em suas relações. Compreende-se que as mulheres eram retratadas assim porque esses estereótipos femininos se normalizaram. Hoje, com a historiografia e utilizando a literatura como fonte, percebemos que a mulher sempre foi estereotipada, julgada e sexualizada. Observa-se que essa estereotipação se torna ainda pior com as mulheres negras do passado e do presente, que mal são lembradas, são invisibilizadas e, até mesmo, descartadas da História.

Portanto, percebe-se que a literatura é uma fonte indispensável para compreender a forma como essas mulheres eram representadas a partir de estereótipos de raça, classe e gênero. O naturalismo, como tal, abriu portas para que o estudo sobre a sociedade pudesse ser mais claro. No entanto, também se compreende que várias mulheres de sua época, mesmo tendo suas diferenças, têm

coisas em comum, enfrentam opressões comuns, devido à sexualização imposta a elas pela sociedade patriarcal.

3. A “MULATA” SENSUAL

O autor Silvio Almeida (2019) explica que ser branco e ser negro são construções sociais, uma construção estrutural na qual o negro só existe porque o branco chega colonizando e impondo diferenças. Por isso, compreende-se hoje em dia que o termo “mulato(a)” é racista, resultado dessa construção mencionada anteriormente. No entanto, por ser uma construção estrutural de seu tempo, só é possível refletir sobre sua natureza racista devido à passagem do tempo, aos movimentos sociais, etc., uma vez que, no século XIX, era um termo visto como “normal” para descrever sujeitos e sujeitas negros, utilizado em toda a sua esfera.

Na obra refletida neste artigo, o termo “mulata” está constantemente sendo atribuído às mulheres negras. Dessa forma, pode-se dizer que o termo “mulata” e a construção dessa mulher são totalmente estruturais e precisam ser problematizados, inclusive nas obras literárias, para compreender essa representação racista ontem e hoje. Marques de Carvalho, em sua obra “Hortência”, utiliza esse termo, “mulata”, em uma das estrofes/frases seguintes: “As mulatas de chinelinhas dos bicos dos pés deitavam paixão pifa e dengosa” (Carvalho, 1989, p. 90). O que pode ser observado através desta frase na obra do autor é que o termo estava completamente enraizado em seu tempo. Logo, percebe-se que o termo foi empregado devido a uma cadeia de fatores, todos levando a uma sociedade totalmente estruturada pelo racismo e desenvolvida pela sua própria estruturação. Assim sendo, “o racismo é sempre estrutural, ou seja, é um elemento que revela a organização econômica e política da sociedade” (Almeida, 2019, p. 17).

Por que precisamos refletir e problematizar esse termo também dentro de obras literárias? Porque é um termo racista, e essas obras, mesmo sendo do século XIX, ainda são lidas nas escolas, principalmente nos espaços escolares, e fora deles. Ou seja, não problematizar isso dentro desses livros pode fazer com que continuemos ratificando essas opressões dos livros para a vida social.

Em tempo, o termo “mulata”, ao qual o autor se refere à personagem Hortência, vem do latim, em que a palavra é “mulus”, que significa mula, um animal que surgiu da junção do asno com a égua, por ser um animal forte e híbrido. Logo, o

termo acabou fazendo referência à mulher negra, associado à imagem da objetificação da mulher, animalizada e sexualmente disponível, típica do racismo (Rodrigues; Soares, 2021). Isso se relaciona à mulher negra não retinta, resultado da miscigenação interétnica entre um homem branco e uma mulher negra, enfatizando ainda mais que tudo isso é estrutural. Mesmo sendo “compreensível” que o autor utilizasse esse termo em sua época, dado que não havia a discussão que temos atualmente, e para não sermos anacrônicas, fazemos questão de apontar isso. Não deixa de ser importante refletir sobre o seu uso na literatura e destacar o quanto isso faz parte de um racismo estrutural. É fundamental salientar que o racismo estrutural advém da sociedade e da individualidade. Portanto, o racismo estrutural surge da relação entre o indivíduo e a sociedade, daquilo que é considerado “normal”, aquilo que foi normalizado e acaba passando despercebido como não racismo, mas é, na verdade, um racismo enraizado na cultura, política e em outras esferas.

Contudo, a mulher denominada “mulata” não era vista apenas pela cor de sua pele, mas também através do fator estrutural racista. A sociedade separava o que cada mulher de seu tempo poderia ou não ser capaz. No século XIX, a mulher branca deveria se casar com alguém de posses, a mulher negra retinta deveria ser a trabalhadora, mas a mulher mulata, miscigenada, era vista como destinada à satisfação dos homens na cama, pois eram consideradas sensuais, com corpos feitos para o “trabalho” sexual. Em outras palavras, a mulher não retinta numa sociedade escravocrata era vista como um objeto sexual, como se pode perceber na obra “Hortência”, em que a personagem é sexualizada, refletindo o retrato daquela sociedade.

Conforme Lindinalva Rodrigues e Vládia Soares (2021, p. 334), “as mulatas foram – e ainda são – encaradas como um corpo apenas, sem rosto e sem sentimento”. O que as autoras expressam sobre essa objetificação da mulher negra fica nítido na descrição sobre Hortência na passagem a seguir:

> Hortência desdobrou a camisa limpa, abriu-a como uma bandeira misericordiosa e pacífica, fez um gesto largo e lançou-a pela cabeça, deixando-a a envolver-lhe a parte superior do corpo. Então a outra camisa, aquela que continuava presa pelos cotovelos, resvalou nu, ainda fora do alcance da roupa que vinha descendo, umas roliças extremidades de pernas carnudas, uns tornozelos delgadamente

> elegantes – uma aristocracia inteira de formas naqueles membros de pobre rapariga do povo (Carvalho, 1989, p. 44).

Quem lê esse trecho pode considerar “normal” a descrição feita por Marques de Carvalho sobre Hortência; porém, não se vê mulheres brancas descritas da mesma forma nessa obra. Era como se fosse consentido que se falasse de sexo com essas mulheres negras, como se fosse “mais livre” falar de forma “mais sensual” sobre negras, algo que seria inadmissível de ser descrito com mulheres brancas.

Desse modo, observa-se que a mulher era vista da mesma forma que o autor descreve a Hortência. Para Marques de Carvalho, foi naturalizado sexualizar Hortência em vez de mostrar as qualidades da mesma, pois não era vista com qualidades devido ao pensamento racista[1].

O que se pode dizer é que a mulher “mulata” e sensual do século XIX é uma construção do embranquecimento de uma sociedade racista, vista meramente como um objeto sexual, no qual Marques de Carvalho salientou ainda mais esses aspectos em sua obra, mostrando como a sociedade, principalmente os homens de sua época, viam as mulheres, especialmente as mulheres negras. Portanto, é imprescindível que falemos da violência contra mulheres negras, pois além de vivermos numa sociedade machista, vivemos numa sociedade racista. Por isso, é preciso detectar isso em sua obra e perceber como essa violência se alastra na “longa duração”, pois precisamos debater e problematizar tais obras, bastante difundidas e trabalhadas em sala de aula ainda na atualidade, o que faz com que essa visão racista e machista sobre a mulher negra siga congelada no tempo.

4. A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NEGRA

Historicamente, a violência contra a mulher é recorrente, mas não podemos deixar de considerar que para a mulher negra sempre foi pior, seja violência física, sexual ou psicológica, pois ela sempre foi vista como um objeto. No livro “Hortência”,

---

[1] Bell Hooks (2020) mostra isso em sua obra “E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo”, quando apresenta o discurso de Sojourner Truth em uma conferência em Ohio, onde sofreu machismo e racismo por parte de homens e mulheres brancas, proferindo a famosa frase “E eu não sou uma mulher?” para evidenciar que era tratada de forma diferente das brancas, sendo violentada e frequentemente animalizada e objetificada por ser uma mulher negra. Mesmo que seja uma obra de uma estadunidense, o processo de escravidão e suas consequências, tanto nos EUA quanto no Brasil, têm muitas semelhanças.

o autor mostra algumas violências que a protagonista enfrenta, nas quais podemos perceber que Marques de Carvalho optou por retratar uma vivência triste de uma mulher. Contudo, não seria apenas qualquer mulher, mas sim uma mulher negra que, mesmo no século XIX, não era considerada como tal, sendo objetificada e não vista como uma pessoa.

A autora Anna Linhares (2017) nos diz que o feminismo foi muito importante para a historiografia dar visibilidade a essas mulheres e para a luta das mulheres negras, especialmente o feminismo negro, visando cada vez mais falar sobre mulheres e mostrar que elas são produto de um conhecimento. Porém, no século XIX, a mulher era muito menos valorizada e ainda mais invisibilizada, e as negras, então, não eram nem vistas. O autor retrata isso em seu livro: uma mulher não vista pela sociedade.

Afirmamos isso para mostrar que o feminismo negro contribuiu e contribui bastante nessa luta. Já que me proponho a refletir sobre essa imagem estereotipada na literatura, penso que seja importante considerar a relevância desse movimento político para que essa representação seja modificada na literatura sobre mulheres negras, possibilitando uma visão mais positiva na produção literária contemporânea.

Na obra “Hortência”, podemos observar três tipos de violência vivenciados pela protagonista, sendo crucial destacar que os perpetradores dessas violências são membros de sua própria família. As cenas que mostram Hortência sendo violentada por seu irmão, que posteriormente se torna seu parceiro, refletem a sociedade da época. Contudo, a questão central é: será que isso ainda reflete a realidade de hoje? Ressaltamos que não pretendemos ser anacrônicas, mas sim abordar o passado para interpretar o presente, analisando se houve mudanças ao longo do tempo. Assim, abordaremos questões relacionadas à importunação sexual, estupro e feminicídio, considerando que esses termos não existiam no século XIX e não eram concebidos da mesma maneira, mas trazendo a discussão para a contemporaneidade. No próximo item, aprofundaremos a análise nas violências observadas na obra.

4. 1. Importunação sexual

É importante destacar que o termo “importunação sexual” demorou a ser incluído no código penal. A importunação sexual está prevista no “Art. 215-A.

Praticar contra alguém e sem a sua anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a do terceiro" (Brasil, 2018). Dessa forma, a importunação sexual refere-se a um ato sexual realizado contra a vítima, neste caso, a mulher, seja por toques sem o seu consentimento, piadas inadequadas ou até mesmo exibição de partes íntimas sem o consentimento da mesma. Mesmo sendo uma lei contemporânea, é relevante destacar como esse tipo de importunação se manifestava na literatura, refletindo o que ocorria no cotidiano dessas mulheres negras.

No livro "Hortência", ocorre um ato de importunação sexual. O trecho em questão diz:

> Enlaçou-a brandamente, carinhosamente, com um ardo de sangue fervente a queimar-lhe as pontas superiores da orelhas e a epiderme tostada das faces.
>
> - Qu' é isto então, tola? Murmurou mais amorosamente ainda, puxando-a para si.
>
> - Me deixa, Lourenço, me deixa!
>
> E como ele procurasse beijá-la sobre a nuca, mais tremente e sensual do que um bode:
>
> - Oh! não, nunca, nunca! Bradou Hortência desprendendo-se-lhe do amplexo com um empuxão violento (Carvalho, 1989, p. 113).

Neste trecho, podemos observar duas situações. A primeira é a importunação sexual que Lourenço pratica com sua própria irmã. Ressalto que, para o período, tal situação era vista como "naturalizada", dado que a mulher ainda era considerada um objeto. No entanto, trazendo para a atualidade, compreende-se que se trata de um ato de violência e importunação sexual, no qual a protagonista sofre. Percebe-se que ele tenta violentá-la sexualmente; ela diz "não", e ele continua tentando importuná-la, mesmo sem o seu consentimento, com suas palavras de desespero: "Lourenço, me deixa! (...) oh não, nunca!".

A segunda situação é a visão do autor sobre o que acontece com Hortência. Marques de Carvalho utiliza os termos "carinhosamente" e "amorosamente", dois termos que mostram que o autor está sendo negligente com a situação e tratando o ato como normal. Em outras palavras, mesmo ela negando, Marques de Carvalho

usa termos que denotariam carinho, afeto, como forma de mostrar o quanto Lourenço não estava sendo violento, mas sim “amoroso”.

Defina-se a palavra “carinhosamente” como “De uma maneira carinhosa; em que há carinho: elogiou-a carinhosamente”. Já a palavra “amorosamente” como “De uma maneira amorosa; em que há amor: expressava-se amorosamente”. Logo, vemos nas definições expressões caras, de afeto e amor, o que não se vê no trecho acima em que o autor utiliza essas mesmas palavras. Observamos um ato de violência, um desconforto da personagem. Portanto, compreende-se que a visão do autor é uma visão que relativiza o ato. Mesmo levando em conta o período, Marques de Carvalho é um dos muitos homens e autores de seu tempo que veem a mulher negra como algo, um objeto, não como uma mulher e um ser humano.

Por isso, na obra de Bell Hooks “Tudo sobre amor: novas perspectivas”, a autora apresenta a urgência de aprendermos tudo de novo sobre o amor, pois nos foi ensinado de forma equivocada. Acabamos achando que muitas vezes violência é amor. Afinal de contas, crescemos vendo homens sendo violentos com mulheres e acabamos naturalizando essas violências:

> (...) somos ensinados desde a infância a ter suposições equivocadas e falsas em relação ao amor e ressalta o quanto a nossa sociedade não considera a importância e a necessidade de aprendermos a amar. Tendemos a achar que já nascemos com esse conhecimento (...) o amor não está dado: ele é construção cotidiana, que só assumirá sentido na ação – o que significa dizer que precisamos encontrar a definição de amor e aprender a praticá-lo (Hooks, 2020, p. 11-12).

Ou seja, a obra “Hortência” tem muito a nos ensinar: que devemos reaprender o que entendemos como afeto, pois o que o personagem faz é usar o amor como forma de violência.

Outro ponto a destacar dessa cena diz respeito ao modo como o autor apresenta os muitos homens do seu tempo que romantizavam a importunação sexual (violência sexual), como no trecho que segue:

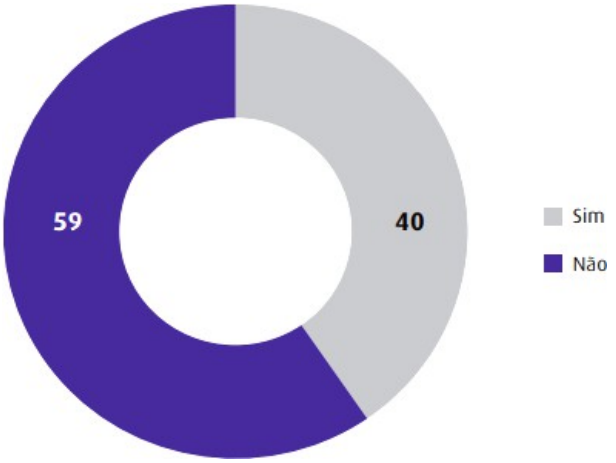
> Sentindo-a furtar-se ao seu alcance, o rapaz estendeu o braço para agarrá-la; sua mão caiu pesada sobre os seios da rapariga e empunhou o pano do paletó; mas Hortência fugiu destramente com o corpo e só ficou entre os dedos de Lourenço um farrapo branco da fazenda cheirosa a jasmins-como um espólio pacificador pregando a conciliação entre os dois (Carvalho, 1989, p. 113).

Salientamos mais uma vez o quanto se ratificam as violências e se romantiza um ato de estupro, pois numa cena em que Lourenço tenta estuprá-la e Hortência tenta fugir, a violência foi tão intensa que ficou um pedaço da roupa rasgada da personagem com o causador da violência. No entanto, para romantizar o ato, utilizam-se os cheiros e o tipo de tecido da roupa da personagem, conferindo um "ar de romantismo" a esse ato. Observa-se que o desespero da personagem é silenciado com algo belo. Marques de Carvalho demonstra um descaso com tal situação, deslegitimando a vontade dessa mulher e ignorando o seu não querer.

Constata-se que a visão do autor é algo do seu período, mas que vem desde a colonização, da escravização e da construção que se faz do corpo da mulher negra[2]. Porém, o século XIX também deixou resquícios nos dias de hoje. Algo que se precisa explicar é que se há um artigo para importunação sexual é porque a violência segue sendo praticada, e pensamos que muita coisa não mudou. As mulheres negras seriam reflexo de Hortência?

Para explicarmos e entendermos se Hortência, da literatura, seria um perfil de mulheres negras na atualidade em nossa sociedade – mulheres que continuam sofrendo violências – utilizaremos alguns gráficos do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) dos anos de 2017 e 2018, coletados pela autora Liliane Rodrigues (2019) em sua pesquisa.

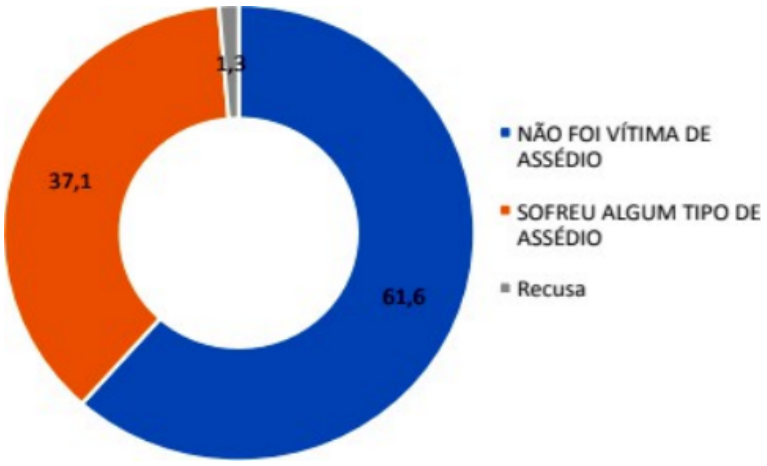
Gráfico 1 - Dados sobre o assédio sexual contra as mulheres brasileiras no ano de 2017.



Fonte: FBSP (2017).

Gráfico 2 - Dados sobre o assédio sexual contra as mulheres brasileiras no ano de 2018.

[2] Para aprofundar o assunto, ler: Davis (2016), Hooks (2020), Hill (2019) e Miranda (2022).

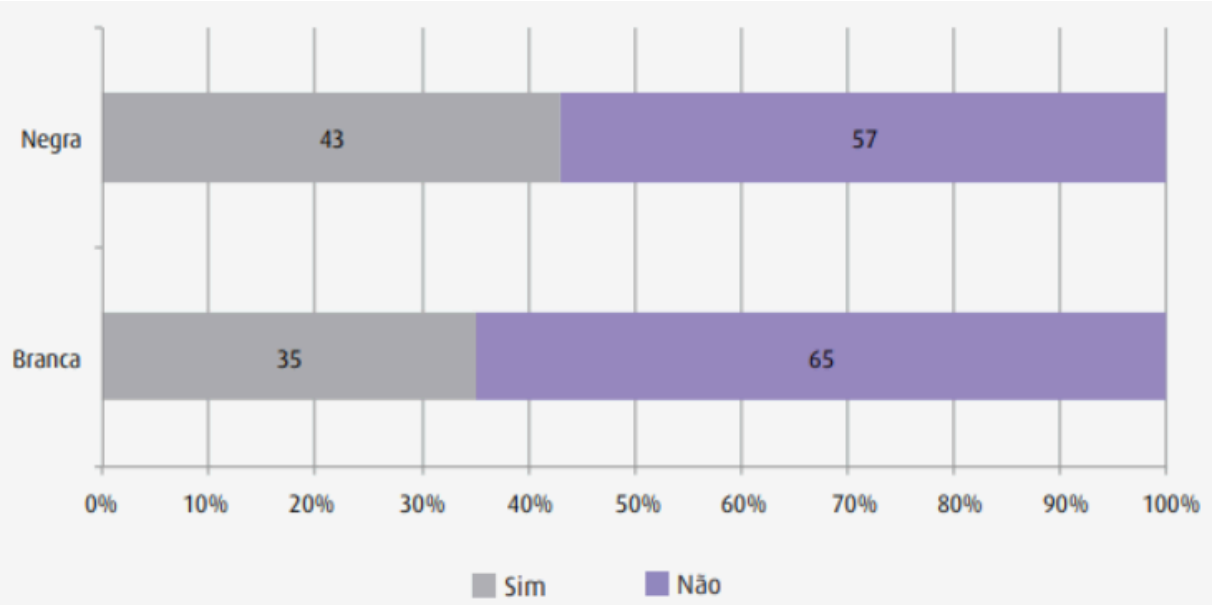


Fonte: FBSP (2017).

Nos gráficos 1 e 2, observamos dois pontos: o primeiro é que, no ano de 2017, as mulheres que foram vítimas de assédio ou importunação sexual (embora a pesquisa não especifique a cor dessas mulheres) foram especificamente 40%. Já em 2018, esse número caiu para 37,1%, mostrando que não houve uma diminuição significativa. O segundo ponto a ser analisado é o gráfico de 2018, que registrou 1,3% de mulheres que recusaram responder à pergunta. Isso nos faz questionar por que essa recusa ocorre. Muitas vezes, é por medo de represálias dos homens e receio de se expor. Ou será que, em muitos casos, elas não reconhecem a violência sofrida?

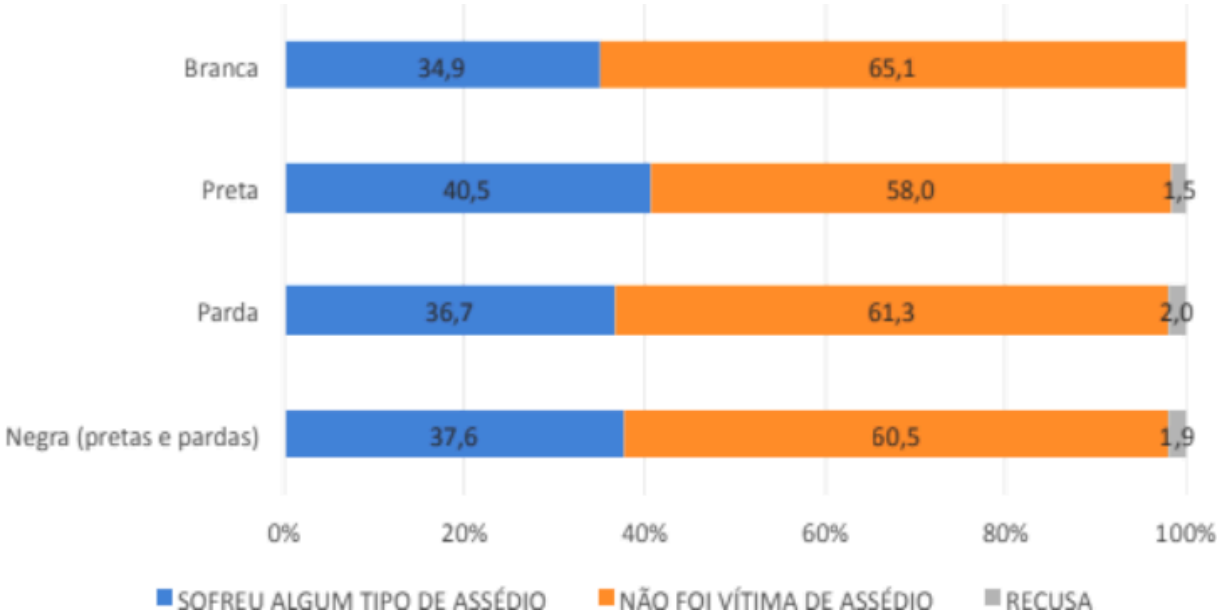
Os gráficos que apresentamos anteriormente tratam da questão das mulheres de forma muito geral, sem mostrar a cor das vítimas de violência. Mas a questão é: o que os gráficos a seguir têm a ver com Hortência de Marques de Carvalho? Para compreendermos e analisarmos melhor, é necessário analisar os gráficos 3 e 4.

Gráfico 3 - Dados sobre o assédio sexual contra as mulheres brasileiras brancas e negras no ano de 2017.



Fonte: FBSP (2017).

Gráfico 4 - Dados sobre o assédio sexual contra as mulheres brasileiras brancas e negras no ano de 2018.



Fonte: FBSP (2017).

Para analisarmos esses dois gráficos, temos que levar em conta todo o fator histórico das mulheres, mas principalmente das mulheres negras, como Hortência. De acordo com Eduardo Duarte (2009):

> Versos marcados, todavia, por uma semântica erótica obcecada pelos corpos de pele morena, sempre desfrutável, segundo tal ponto de vista, aos olhos e as fantasias sexuais do homem (Duarte, 2009, p. 64).

Com a fala do autor, podemos observar dois fatores. O primeiro é que no gráfico 3, podemos ver que o índice de assédio sofrido por mulheres negras é maior do que o das mulheres brancas. O segundo fator é que, no gráfico 4, mesmo mostrando o desmembramento entre mulheres negras e pardas, as mulheres negras ainda são as maiores vítimas de assédio/importunação sexual nos anos de 2017 e 2018, o que é reflexo das fantasias, atitudes violentas e racistas que os homens têm em relação a essas mulheres negras.

“Hortência” é fruto de olhares e fantasias de homens que, desde a colonização, viram a mulher negra como objeto. Desse modo, é a visão refletida em Marques de Carvalho. Em sua obra, Eduardo Duarte (2009) apresenta um trecho em que se expõe uma mulher negra de forma muito semelhante a Hortência, mostrando assim semelhanças entre as obras:

> (...) os lábios grossos e úmidos pedem o beijo; a fala doce e afinada é um convite aos ouvidos; a risada prolongada e sonora indica o despudor reforçado pelo gesto de inclinar a cabeça para trás e destacar os seios (Duarte, 2009, p. 67).

O trecho acima é um reflexo de falas de autores, como Marques de Carvalho, que pensam estar enaltecendo a mulher, mas acabam por sexualizá-la. Quando Lourenço comete um ato de importunação sexual com a personagem, o mesmo autor utiliza expressões como “carinhosamente” para deslegitimar tal ato. Hortência é um reflexo de uma personagem de sua época que não tinha voz, ou melhor dizendo, não era ouvida, não tinha direitos e muito menos era dona de seu corpo. Pior ainda é ver como a mulher negra nem era considerada como pessoa.

As mulheres negras de hoje, que, como Hortência, em sua maioria seguem sendo violentadas através da importunação sexual, só demonstram uma construção histórica do colonialismo, que passou pelo período imperial e que ainda está entre nós, como observado nos gráficos da violência; uma construção histórica do sexismo e do racismo.

O colonialismo mostrou uma forma de tratamento que deve ser atribuída à mulher negra a partir de uma única perspectiva de ver o mundo, sendo violenta. No entanto, isso não significa que essa narrativa única não possa mudar.

Chimamanda Adichie (2019, p. 11) expressa muito bem o que foi dito anteriormente em sua fala: “É assim que se cria uma história única; mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna”. O tratamento atribuído às mulheres negras também foi assim, através desse viés da história única, violentada, retratada na literatura do século XIX com “Hortência” e que perdura nos dias atuais como um traço da colonização que construiu essa narrativa única. Em outras palavras, os traços que se apresentam hoje na sociedade estiveram representados na literatura do século XIX, e esse quadro precisa mudar na sociedade para que seja alterado também na literatura sobre mulheres negras, evitando que essas ideias racistas, expressas na literatura, sejam difundidas no ensino como algo naturalizado.

4. 2. Violência sexual

A violência contra mulheres negras existe desde a escravidão, quando eram vendidas e compradas por seus senhores, que as violentavam de todas as formas, principalmente por meio da violência sexual. Em casos mais extremos, chegavam a matá-las. A questão é que, mesmo considerando o período da escravidão e o período em que as mulheres negras e homens negros já eram livres, casos de abuso contra mulheres negras ainda aconteciam, pois o que impera é o racismo. Marques de Carvalho, fruto da pesquisa deste artigo, em sua obra intitulada “Hortência”, mostra a violência sofrida pela personagem que tem o mesmo nome do livro. É importante salientar que termos como violência sexual, violência doméstica e feminicídio, utilizados na contemporaneidade, não existiam no período em que a obra "Hortência" foi publicada, e muito menos havia discussões como as de hoje.

É importante esclarecer que o termo "violência sexual", segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2002):

> É todo ato sexual, tentativa de consumir um ato sexual ou insinuações sexuais indesejadas; ou ações para comercializar ou usar de qualquer outro a sexualidade de uma pessoa por uma pessoa por meio de coerção por outra pessoa, independente da relação desta com a vitima, em qualquer âmbito, incluindo o lar e o local de trabalho (Organização Mundial da Saúde (OMS), 2002).

Portanto, podemos concluir, com base na OMS, que qualquer ato sexual contra alguém é considerado uma violência sexual. No livro “Hortência”, pode-se observar tal explicação em alguns trechos de certa cena em que Lourenço violenta Hortência. O autor descreve com clareza tal ato, como podemos ver em uma passagem:

> O mulato alcançara-a com um salto e, jubiloso, gritando exclamações de prazer, pedindo perdão por té-la perseguido por tanto tempo – excitado, sem governar-se – estendeu-se ao longo de Hortência, num assomo patente de enormíssima paixão e beijando-a com frenesi por todo o rosto, na fronte, nos lábios, sobre a nuca úmida e arrepiada! (Carvalho, 1989, p. 114).

No trecho descrito pelo autor, podemos analisar dois pontos para compreender e explicar a violência sofrida por Hortência. O primeiro ponto é a “conivência” de Marques de Carvalho com tal ato de Lourenço. Pode-se perceber isso quando o autor mostra que Lourenço está excitado enquanto a persegue e, logo depois, pede perdão a Hortência como se nada tivesse acontecido no momento. O segundo ponto é quando Marques de Carvalho afirma que a pele dela está arrepiada com os beijos violentos que ele a força a receber. Nesse segundo ponto, podemos identificar a cultura do estupro, que, mesmo que o autor, em seu tempo, não conhecesse esse termo, hoje compreendemos que a forma como Marques de Carvalho descreveu essa violência é uma expressão dessa cultura. Marilena Chauí (1986) explica que a cultura é um campo simbólico e natural dos humanos; dessa forma, podemos dizer que tal ato do autor é uma manifestação da cultura do estupro, considerando que o autor descreveu a situação de forma influenciada pela maneira como as violências contra as mulheres, especialmente as mulheres negras, eram retratadas.

Ainda falando sobre violência sexual, pode-se perceber a violência que a personagem sofre na passagem abaixo:

> A enfermeira debatia-se valentemente, para desembaraçar-se dos seus amplexos – cada vez mais ternos e apertados: chegou mesmo a ergue a mão, tentando esbofeteá-lo, quando Lourenço, impelindo-a num arranco, fê-la voltar-se de frente e abateu pesadamente sobre o seu corpo, em toda a extensão da sua pessoa, alucinado com uma transfiguração quase transcendente a ilumina-lhe o rosto e gritando ufano, convicto da sua força de vontade, do seu mérito de homem

> completo, da sua potencia de perfeito macho (Carvalho, 1989, p. 114).

Nesta passagem, podemos mais uma vez ver o descaso de Marques de Carvalho com a protagonista e a forma como ele exalta o agressor. O autor afirma no final: “seu mérito de homem completo, da sua potência de perfeito macho”. Mais uma vez, Marques de Carvalho utiliza a cultura do estupro, deixando implícito que está tudo bem com tal ato, visto que o agressor possui a “potência de perfeito macho”. Isildinha B. Nogueira (1999) explica que:

> Seu corpo, historicamente destituído de sua condição humana, coisificado, alimentava toda sorte de perpecidade sexual que tenha seus senhores, pois satisfaziam o apetite sexual dos senhores e eram por eles repudiadas pois as viam como criaturas repulsivas e descontroladas sexualmente (Nogueira, 1999, p. 440).

Nesta fala da autora, pode-se perceber a ligação com o que ela fala e com o que o autor descreve. A mulher negra é historicamente vista e usada como objeto sexual. Na fala de Nogueira, isso é bem expressivo, e quando Marques de Carvalho afirma que o personagem é “um homem completo” enquanto está violentando Hortência, nos mostra que o autor de “Hortência”, mesmo não sabendo da existência do termo “cultura do estupro”, está, de fato, contribuindo para isso.

Em outra passagem do ato feito por Lourenço à sua irmã, podemos ver com nitidez o desespero da personagem e suas forças se acabando, se “entregando” a tal ato:

> - Enfim!
>
> Hortência entrecerrou as pálpebras molhadas de pranto, com o derradeiro movimento da ultima resistência e submeteu-se em silencio a barulhenta posse que do seu corpo fazia aquele terrível concupiscente voluptuoso (Carvalho, 1989, p. 114).

O desespero de Hortência nesse trecho faz com que observemos o presente, pois Lourenço não é uma pessoa desconhecida da vítima, ele é irmão de Hortência. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) explica que a maioria das violências contra mulheres é perpetrada por homens que são parceiros ou ex-parceiros da vítima, e geralmente a violência sexual e física acaba em feminicídio, assunto sobre o qual falaremos mais adiante. No entanto, a questão é

que, mesmo Lourenço não sendo um parceiro, namorado ou marido, ele é irmão da vítima, uma pessoa conhecida, e além disso, tem laços sanguíneos.

Segundo Ashley Malia (2020), em seu estudo realizado pela Rede de Observatório da Segurança na Universidade Federal da Bahia (UFBA):

> (...) as mulheres negras sofreram 73% dos casos de violência sexual registrados no Brasil, enquanto as mulheres brancas foram vitimas em 12,8%. De 2009 a 2017, o número de mulheres negras vitimas de estupro aumentou quase dez vezes (Malia, 2020, p. 1).

Portanto, percebe-se que Hortência, nos dias atuais, seria mais uma estatística de mulheres negras vítimas de estupro. Desse modo, Hortência, uma mulher do século XIX, é um retrato do passado que evidencia, através de pesquisas como a de Malia, a falta de uma mudança significativa na sociedade ao longo do tempo.

4. 3. Violência doméstica e feminicídio

A violência contra mulheres negras perdura há muito tempo. É relevante destacar que mulheres negras e brancas sempre foram percebidas de maneiras totalmente distintas, com as mulheres negras sendo hipersexualizadas ao ponto de serem tratadas como mercadorias, não sendo reconhecidas como mulheres e seres humanos. Mesmo que o termo “machismo” não existisse no século XIX, ou antes dele, é importante empregá-lo. De acordo com Aline Nascimento (2020):

> O machismo, como já dito, priva mulheres de gerir livremente corpo e vida, diminui possibilidades, dificulta o acesso à vida pública e, por conseqüência, a participar das decisões sociais. É a parte da desigualdade de gênero que se distribui o lugar social de homens e mulheres, ou seja, se delimita o espaço e a hierarquia de exercício de poder (Nascimento, 2020, p. 50).

Assim sendo, levando em consideração o que a autora diz, podemos concluir que a forma de violência que Hortência sofre, sendo ela a doméstica e o feminicídio aqui em questão, é um fator histórico marcado pelo machismo, entendido nos dias de hoje, mas que em 1888 não se utilizava tal termo. Ainda assim, é um fator histórico, tais situações sofridas pela personagem.

No século XIX, em que se passa a história de Hortência, as mulheres ainda eram vistas como propriedades de seus pais, esposos, namorados e até irmãos. Não é um choque vermos Marques de Carvalho trazendo a violência dentro do livro; o autor mostra uma realidade do seu período e a escola literária na qual ele se insere, que é a naturalista, tem como foco realmente mostrar uma sociedade, independentemente se são coisas boas ou ruins. Logo abaixo, veremos um trecho em que Hortência sofre violência física de Lourenço para podermos analisar e compreender se tal situação ocorrida com Hortência ainda é vivenciada hoje:

> Mas bem de presa o mulato erguia a cabeça, terrivelmente abespinhado, como se ouvisse o vilipêndio pela primeira vez, como se não tivesse o incitado, com a sua precedente linguagem; então levantava rápido o punho cerrado e abatia-o brutal sobre o rosto da rapariga, repetindo a pancada por varias vezes, bradando-lhe no excesso de fúria (Carvalho, 1989, p. 170).

É importante perceber neste trecho que Marques de Carvalho dá a entender que Hortência falou algo para ele e que, por conta disso, ele a bateu. Podemos então tirar desse entendimento a seguinte conclusão:

> Enfim, as violências perpetradas contra as mulheres pretas e pardas hoje remontam a um passado colonial – constantemente centralizado -, no qual se instituiu o poder sobre a sociedade com base na idéia de raça, que passou a ser, com esse propósito, o estabelecimento de valores distintos entre as pessoas (Segato, 2003 *apud* Almeida; Pereira, 2012, p. 51).

A citação acima é o espelho do que o autor mostrou no seu trecho: uma violência que uma mulher negra sofre. É um fator colonial, mas também é um fator histórico Marques de Carvalho querer ou tentar colocar a culpa do ato em Hortência, na mulher, como se Lourenço não tivesse culpa, já que ela o enfrentou e o mesmo tivesse a obrigação de agredir Hortência.

Mulheres como Hortência hoje têm o respaldo da Lei Maria da Penha, mas a sociedade ainda tem agressores como Lourenço? A Lei Maria da Penha, Lei nº 11.340/06, tem como objetivo frear a violência existente no âmbito doméstico, seja ela moral, física, sexual, patrimonial ou psicológica (Brasil, 2006). Se hoje temos uma lei que ampara mulheres que sofrem tais violências, é porque, infelizmente, pouco mudou desde 1888, quando o autor escreveu “Hortência”.

Quando se fala de violência doméstica, não tem como deixar de abordar o feminicídio. Mais uma vez, salientamos que este termo não se aplica ao período de 1888, mas, ao fazer um paralelo entre o passado e o presente, percebe-se a sua suma importância. No livro, Marques de Carvalho aborda a temática do feminicídio ao mostrar o ato cometido por Lourenço contra a moça. O autor apresenta o “motivo” que levou Lourenço a cometer tal ato, conforme a passagem abaixo:

> - Bote pra qui num lasbisco os cobres que tem!
>
> - Não tenho nada pra ti. Só o meu desprezo, o meu desprezo toda a minha vida, cachorro!
>
> Lourenço teve um risinho mudo, bem mais horroroso do que a precedente expressão severa na fisionomia, e retrucoumisteriosamente:
>
> - Toda sua vida, axi! Isso era preciso que tu tivesse muita vida: tu vai ver.
>
> E, ameaçando-a com a cabeça, puxou rápido do bolso um punhal curto e largo e, com um arranco fortíssimo, como pretendendo imprimir ao braço toda a força de que pudesse usar, cravou-o brutalmente, até o cabo no peito da enfermeira (Carvalho, 1989, p. 185-186).

Marques de Carvalho mostra nesse trecho como começou o maior ato violento de Lourenço. Aqui podemos observar o reflexo da sociedade do passado, que estamos analisando em 1888, e a realidade do presente. No ano de 2015, foi criada a Lei nº 13.104/15, conhecida como a Lei do Feminicídio, que trata dos crimes de morte sofridos por mulheres por serem mulheres (Brasil, 2015). Além disso, o art. 1º da Lei 8.072/90 foi alterado, incluindo o feminicídio como um crime hediondo (Brasil, 1990). É importante ressaltar no trecho acima que o fato de Lourenço querer e insistir pelo dinheiro da mesma é enquadrado na Lei Maria da Penha, que assegura os direitos patrimoniais da mulher. Contudo, em 1888, tal segurança para a mulher ainda não existia.

No trecho abaixo do livro “Hortência”, podemos vizualizar o fim do ato brutal e hediondo que Lourenço fez com Hortência, possibilitando assim uma relação entre o passado e o presente:

> Mas Hortência, moribunda, mal sustendo-se em pé, com o tronco todo crivado de punhaladas, as rotas vestes escorrendo sangue,

> caíra pesadamente ao chão, logo que chegara ao corredor que dá sobre a porta principal do estabelecimento (Carvalho, 1989, p. 186).

O autor ainda descreve a seguinte situação:

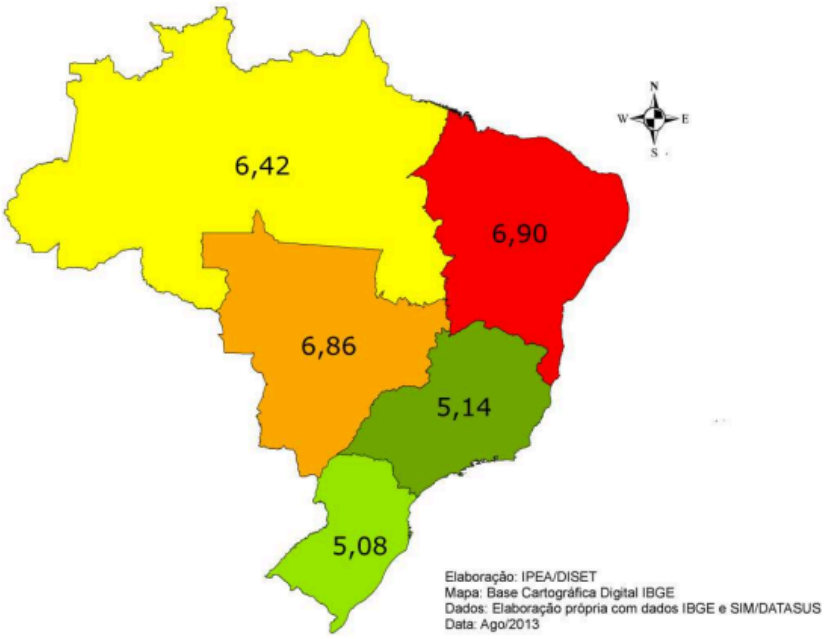
> Quando o assassino reparou nele e quis fugir, não mais havia tempo: a retirada achava-se cortada pela influência de muitas pessoas e o facultativo tinha-lhe agarrado o braço com extraordinária violência, sacudindo-o em sobre-humano esforço e obrigando os seus joelhos a curvarem-se até baterem pesados o duro pavimento pétreo do vestíbulo. (Carvalho, 1989, p. 187)

Estes dois trechos nos mostram duas coisas. O primeiro revela mais um pouco da forma como ocorre a brutal violência com Hortência, e no segundo trecho, Marques de Carvalho deixa claro que Lourenço é um assassino. Portanto, conclui-se com o fim do livro que Hortência foi morta pelo mesmo, trazendo para os dias atuais a perspectiva de que ela seria mais uma estatística do feminicídio.

Conforme o FBSP, no ano de 2021, uma mulher era morta, em média, de sete em sete horas, apenas por ser mulher. Se um dia tem 24 horas e, a cada sete horas, uma mulher é morta, ao longo de um dia, em média, foram assassinadas três mulheres no ano de 2021. Dessa forma, casos como o de Hortência não são isolados nos dias atuais, mas representam uma violência disseminada na longa duração.

Ainda de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), no período de 2009 a 2011, foram registrados no Sistema de Informação de Mortalidade (SIM) 13.071 feminicídios. Entretanto, após a análise corrigida realizada por eles, o número subiu para 16.993 mortes, resultando em uma taxa de mortalidade de 5,82 óbitos por 100.000 mulheres. O mapa abaixo, disponibilizado pelos mesmos, mostra a distribuição por regiões do Brasil.

Mapa 1 - Taxas de feminicídios por 100 mil mulheres nas regiões brasileiras, no período de 2009 a 2011.



Fonte: IPEA/DISET (2013).

No mapa acima, pode-se perceber que as regiões do Brasil com maior índice de feminicídio são o Nordeste e o Centro-Oeste, sendo que, segundo a pesquisa do mesmo FBSP, o estado do Espírito Santo é o que tem o maior índice de mortes nos anos de 2009-2011. É importante levar em consideração que os dados, no geral, não especificam os números de feminicídios por idade ou cor, pois quando falamos em cor, os índices são diferentes e bem alarmantes. O mesmo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), na pesquisa de 2009-2011, diz que 61% das mulheres mortas apenas por serem mulheres foram negras. Portanto, se Hortência fosse uma mulher hoje, sem dúvida, estaria nessa estatística. Mulheres negras, como a retratada por Marques de Carvalho, são reflexo de uma história regada pelo racismo e pela violência contra mulheres. O que podemos dizer é que mesmo com leis hoje, ainda existem várias “Hortências” no Brasil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se este artigo com a certeza de que a violência retratada na literatura tem dois pesos e duas medidas. A descrição das diversas formas de violência

sofrida pela personagem Hortência caracteriza-se por uma sociedade de sua época que ainda apresenta muitos resquícios do período colonial. Logo, não é surpreendente que Marques de Carvalho tenha pensamentos racistas, sexuais e violentos nas descrições da personagem e nas cenas retratadas. O segundo ponto analisado e concluído é que a violência retratada no período imperial ainda é vista e praticada nos dias de hoje. Mesmo com leis amparando mulheres, ainda é perceptível o quanto a brutalidade da sociedade persiste em relação às mulheres. Ao longo do artigo, foi mostrado e explicado tal brutalidade, especialmente a sofrida por mulheres negras.

É importante salientar que conceitos como interseccionalidade, racismo estrutural, longa duração e outros que nortearam esta pesquisa foram de suma importância para realizar uma análise histórica e social sobre a relação de gênero, raça e literatura.

Analisar a literatura sob a perspectiva histórica e social permitiu compreender o passado e sua relação com o presente. A abordagem da longa duração tornou possível a discussão das violências dentro do livro ao longo do artigo. É interessante enfatizar que a análise minuciosa dos temas e termos abordados pelo autor Marques de Carvalho, apresentada no artigo, reflete a importância da longa duração.

Estudar literatura sob a perspectiva histórica, como fonte, que teve início com a Escola dos *Annales*, é ter consciência de sua diversidade. A maioria dos estudos sobre história e gênero, utilizando a literatura como fonte, foca em mulheres brancas. Há poucas pesquisas dentro da discussão literária e histórica sobre mulheres negras. Salientamos que discutir sobre mulheres é crucial, seja qual for sua cor, mas neste trabalho nos propusemos a falar sobre uma minoria dentro da discussão de gênero. Como ficou explícito ao longo da pesquisa, as mulheres negras ao longo da história sempre foram as mais violentadas, e ainda o são hoje. Falar sobre elas é ter consciência da história desse grupo.

Desse modo, o foco sempre foi mostrar a violência sofrida por uma mulher negra dentro da literatura e compreender, numa análise extensiva entre bibliografia e dados estatísticos, se essa mesma mulher ainda nos dias de hoje sofre violências diversas. Ao longo do artigo, pode-se ver que, nos dias de hoje, as leis e os movimentos negros e feminismo negro, por exemplo, são muito importantes para tentar diminuir os casos de violência sofrida por mulheres, e principalmente

mulheres negras. Infelizmente, como visto em dados, os números de mulheres que sofrem violência só aumentam a cada ano.

Concluímos este artigo dizendo que o ensino de história é determinante para diminuir os casos de violência contra as mulheres. Levar a história das mulheres para a sala de aula, traçar discussões e reflexões entre meninas e meninos é ter consciência de que, no futuro, esses jovens que serão adultos poderão mudar os dados que hoje são tão alarmantes nos casos de violência contra mulheres.

FONTES

FONTE LITERÁRIA:

CARVALHO, João Marques de. **Hortência**. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves/Secretaria de Cultura, 1989.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Alysson. Literatura Naturalista e as teorias de Freud. *In:* **Psicanálise Clínica**. Campinas, SP, 19 abr. 2021. Disponível em: https://www.psicanaliseclinica.com/literatura-naturalista/. Acesso em: 01 jan. 2022.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história unica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Tânia Mara Campos de; PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. Violência doméstica e familiar contra mulheres pretas e pardas no Brasil: reflexões pela ótica dos estudos feministas latino-americanos. **Crítica e Sociedade**, Uberlândia, v. 2, n. 2, p. 42-63, 2012. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/criticasociedade/article/view/21941/12030. Acesso em: 19 jan. 2023.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

AMOROSAMENTE. *In:* **Dicio, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2024. Disponivel em: https://www.dicio.com.br/amorosamente/. Acesso em: 13 jan. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 mar. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm. Acesso em: 25 set. 2023.

BRASIL, Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 7 ago. 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 25 set. 2023.

BRASIL, Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Art. 215-A: Praticar contra alguém e sem a sua anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 7 dez. 1940. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm. Acesso em: 13 jan. 2024.

BRAUDEL, Fernand. Histoire et sciences sociales. La longue durée. *In:* **Écrits sur l'histoire**. Paris: Flammarion, 1969. p. 76 (1ª ed. – Annales E. S. C., nº 4, octobre-décembre 1958, Débats et Combats, p. 725-753.).

BULHÕES, Marcelo. Sexualidade e erotismo no romance naturalista. *In:* GUINSBURG, Jacob; FARIA, João Roberto (orgs.). **O naturalismo**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 385-395.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a Revolução Francesa da historiografia. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CARINHOSAMENTE. *In:* **Dicio, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2024. Disponivel em https://www.dicio.com.br/carinhosamente/. Acesso em: 13 jan. 2024.

CAMPOS DE ALMEIDA, Tânia Maria; JAQUETTO PEREIRA, Bruna Cristina. Violência doméstica e familiar contra mulheres pretas e pardas no Brasil: Reflexões pela ótica dos estudos feministas latino-americanos. Critica e sociedade: revista de cultura política, [*S. l.*], ano 2012, v. 2, n. 2, p. 42-63, 12 dez. 2012.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular no brasil. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

CUNHA, Newton. Os fundamentos filosóficos e científicos do naturalismo. *In:* GUINSBURG, Jacob; FARIA, João Roberto. (orgs.) **O naturalismo**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 39-48.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DENNIS, Ann. Review Essay: Intersectional analysis: a contribution of feminism to sociology. **International Sociology**, v. 23, n. 5, p. 677-694, 2008. Disponível em: https://doi.org/10.1177/0268580908094468. Acesso em: 23 jan. 2024.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 63-78, 2009. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4368/4513. Acesso em: 22 jan. 2024.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). **Ecos indéleveis deletérios da violência**. Disponivel em: http://www.forumseguranca.org.br/wpcontent/uploads/2019/09/Anunciario-2019-FINAl-v3.pdf. Acesso em: 25 nov. 2023.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. *In:* PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. **O historiador e suas fontes**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 61-91.

HOOKS, Bell. **E não sou eu uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). **Brasil em desenvolvimento**: Estado, planejamento e políticas públicas. Brasília: IPEA, 2010.

LINHARES, Anna Maria Alves. O lugar (ou o não lugar) da mulher no ensino de história. Mesa redonda: Amazônia, educação e narrativas decoloniais. **Palestra: Cultura, etnias e identidades**, Belém, 2017.

LOURENÇO, António Apolinário. A expansão do naturalismo: Eça de Queirós e o naturalismo português. *In:* GUINSBURG, Jacob; FARIA, João Roberto (orgs.). **O naturalismo**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 145-168.

MALIA, Ashley. A cor da violência: mulheres negras sofreram 73% dos casos de violência sexual no Brasil em 2017, diz estudo. 2020. *In:* **Portal A TARDE**. Salvador, BA, 5 mar. 2020. Disponivel em: https://atarde.com.br/bahia/a-cor-da-violencia-mulheres-negras-sofreram-73-dos-casos-de-violencia-sexual-no-brasil-em-2017-diz-estudo-1112099. Acesso em: 15 de jan de 2024.

MENDES, Leonardo; AMARAL, Sergio da Fonseca. Julio Ribeiro, Adolfo Caminha e Inglês de Sousa. *In:* GUINSBURG, Jacob; FARIA, João Roberto (orgs.). **O naturalismo**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 345-363.

MIRANDA, Caroline Barroso. **"De que cor eu sou?" o lugar da menina negra no espaço escolar**; um estudo sobre a representação das mulheres negras no livro didático de História. Ananindeua, Cabana, 2022.

NASCIMENTO, Aline Silva do. A construção da cultura do estrupo. **O Tamo Juntas**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 48-55, 2020. Disponível em: https://tamojuntas.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Revista-TamoJuntas_Primeira_edicao2020_01.pdf. Acesso em: 19 jan. 2024.

NOGUEIRA, Isildinha B. O corpo da mulher negra. **Pulsional Revista de Psicanálise**, São Paulo, v. 13, n. 135, p. 40-45, 1999. Disponível em: https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/o-corpo-da-mulher-negra-isildinha-b-nogueira.pdf. Acesso em: 19 jan. 2024.

Organização Mundial da Saúde (OMS). **O Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde da OMS de 2002**. Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude-da-oms-de-2002/831521849. Acesso em: 15 jan. 2022

OLIVEIRA, Ana Claudia de. Naturalismo e vida social: a cidade, o comércio, a moda e o consumo. *In:* GUINSBURG, Jacob; FARIA, João Roberto (orgs.). **O naturalismo**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 63-87.

RODRIGUES, Liliane. **O assédio sexual contra a mulher negra trabalhadora no Brasil**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019. Disponível em: https://monografias.ufop.br/bitstream/35400000/2446/1/MONOGRAFIA_Ass%c3%a9dioSexualContra.pdf. Acesso em: 19 jan. 2024.

RODRIGUES, Lindinalva Correia; SOARES, Vládia Maria de Moura. Mulatas: nem brancas, nem negras, nem humanas. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, v. 17, n. 33, p. 329-348, 2021. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/2990/4481. Acesso em: 19 jan. 2024.

SEGATO, Rita Laura. **Las estructuras elementales de la violencia**: ensayos sobre género entre la antropologia, el psicoanálisis y los derechos humanos. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.